



## A (des)ordem do corpo: costuras entre moda e gênero

*The (dis)order of the body: seams  
between fashion and gender*

Pâmela Tavares de Carvalho<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1180-8315>

Luciana Carmona Garcia<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5280-4444>

[resumo] O presente artigo, ancorado nos estudos discursivos, a partir do método arqueogenalógico engendrado por Michel Foucault, tem como objetivo observar os mecanismos que constroem o corpo dito e visto nas linhas históricas, sociais e culturais como masculino, nas redes discursivas da Moda. De início contextualizamos a noção de acontecimento para que fosse possível tomar os enunciados que, em diferentes ordens, selecionam, organizam e re-direcionam os discursos que falam sobre o homem e/ou a mulher. Em seguida, procuramos demonstrar como o corpo - e seus significantes e significados - tem sido o objeto pelo que se luta no espaço da Moda. O corpus para o qual se volta nosso olhar analítico é formado por um ensaio-reportagem publicado pela revista Manchete, edição número 0652, ano de 1964, no qual fora possível observar que a Moda, ao inscrever-se na desobediência do corpo, pode ser capaz de (re)modelar-se na multiplicidade do masculino e do feminino, desestabilizando 'verdades' sobre as políticas determinantes do corpo, do gênero e das subjetividades.

[palavras-chave] **Moda. Aparência. Discurso. Corpo. Gênero.**

[abstract] This article, anchored in discursive studies, from the archeogenealogical method engendered by Michel Foucault, aims to observe the mechanisms, which frame the body image as described and seen in the historical, social and cultural lines as masculine, on discursive networks of Fashion. At first, we contextualized the acknowledgement of event making it possible to take the statements that, in different orders, select, organize and redirect the speech that talk about men and/or women. Then, we wanted to demonstrate how the body - and its signs and meanings - has been the object of struggle in the Fashion space. The corpus, to which our analytical gaze turns, is shaped by an essay-report that was published by Manchete magazine on the 0652<sup>nd</sup> edition in 1964, whereupon was possible to observe that the Fashion, by transgressing the body rules, would be able to (re)model itself in the multiplicity of masculine and feminine, destabilizing 'truths' about the determining policies of the body, gender and subjectivities.

[keywords] **Fashion. Appearance. Speech. Body. Gender.**

Recebido em: 11-04-2022

Aprovado em: 16-05-2022

<sup>1</sup> Mestre em Linguística (UNIFRAN). Doutoranda em Linguística pela Universidade de Franca (UNIFRAN); Servidora no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. E-mail: [pamelatavarescarvalho@gmail.com](mailto:pamelatavarescarvalho@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1977032806776674>.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UFSCar). Docente pesquisadora e coordenadora no PPG Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN). E-mail: [lcgmanzano@gmail.com](mailto:lcgmanzano@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9059098295895752>.

## Introdução

Dia a dia, ao colocarmos sobre o corpo tecidos modelados em meio a retas e curvas, diagonais e perpendiculares, construímos uma série de conexões que dão a ver o nosso modo de ser e estar enquanto sujeitos no mundo, sejam elas, entre tantas outras, pela linguagem, hábitos e experiências. Habitar um corpo, desde a sua nudez até a produção de sua exterioridade, é carregar consigo valores simbólicos construídos pelo contexto histórico e social na superfície da pele, dado que “não existe nada que possa ser chamado de corpo completamente ‘nu’, pois o corpo nu estará sempre ‘vestido’ [pelo social] (...). Removendo todas as roupas, não encontramos um corpo ‘natural’, mas um corpo moldado pela moda” (SVENDSEN, 2010, p. 89).

A construção da aparência envolve conceitos e práticas culturais corporificados, não somente por meio dos significados intrínsecos condicionados pelos dispositivos sociais, mas também por uma série de elementos com formas, cores e texturas, tais como as roupas e demais acessórios de moda que colaboram para a materialização de subjetividades, sejam elas para o romper dos limites identitários ou mesmo para corroborar com o conjunto de códigos, normas e valores culturais partilhados no espaço da sociedade contemporânea. Corpo e vestimenta formam, portanto, no âmbito da Moda, um exercício constante de modelagem a produzir sentidos em um dado momento e lugar.

Entre individualidade e coletividade, a Moda assume seu papel como símbolo de expressão social e cultural. Um sistema de significados que, junto à constante busca do sujeito pela identificação na sociedade atual, materializa-se por meio de discursos verbais e imagéticos nas necessidades, desejos, performances e subjetividades.

Azul para meninos, rosa para meninas; calça para homens, saias para mulheres. Da nudez da criança que nasce à performance do vestuário e gestos, o sistema da Moda, ao longo de anos, afirmou discursivamente um modelo dicotômico de corpo-identidades em relação aos espaços percebidos socialmente como próprio ao masculino e ao feminino. De acordo com Lipovetsky (2009, p. 29), a moda surge em uma direta relação com o dispositivo de controle dos corpos, esses estabelecidos como de homem ou de mulher, reforçando o binarismo de gênero.

Na busca por uma arqueologia dos saberes sobre a virilidade, lançamos luz nas condições de possibilidade que tornaram possível o discurso midiático da/na Moda sobre o corpo normatizado como masculino, com o objetivo de descrever a formação de um saber modelar da vida social que caracteriza o indivíduo como sujeito do masculino ou do feminino.

Para tanto, sustentadas teoricamente pelos estudos discursivos foucaultianos, dividimos nosso texto, além deste tópico introdutório, em dois momentos: inicialmente traçaremos uma breve discussão teórica, tomando a Moda como um acontecimento discursivo, ou seja, como resultante do atravessamento de diferentes práticas discursivas determinadas sócio historicamente. Na continuidade, a partir do movimento analítico, descreveremos como o corpo - seus significantes e significados -, no espaço da Moda, tornou-se objeto de luta.

## Moda, um acontecimento discursivo

Michel Foucault (1987), em suas reflexões teóricas, ao dissertar sobre a noção de acontecimento, articulando-a às noções de atualidade e de problematizações, tematiza, no entremeio de ambas, o que se determina como uma ontologia do presente. A história é trabalhada e demarcada nesse percurso, entre a repetição e a diferença. O autor nos diz, ainda, que o acontecimento discursivo é diverso, compreendendo instituições, questões políticas, econômicas, jurídicas e sociais. Logo, aqui descrevemos a Moda no tocante a esse conjunto de elementos que balizam sua produção e circulação discursiva. Por certo, o discurso sobre o homem no espaço da Moda foi sendo construído ao longo dos tempos por meio do jogo de relações sociais e históricas, o que nos faz retornar na história para que possamos questionar o porquê de determinados enunciados e o campo discursivo em que eles circulam.

Diferentemente da história tradicional, que traz, como da ordem do acontecimento, fatos notórios no contexto da atualidade, na perspectiva arqueológica, a partir da sobreposição de histórias pequenas e ordinárias, materializam-se trajetos de sentidos que fazem emergir acontecimentos. Estes, por sua relação com a descontinuidade e a dispersão dos enunciados, irrompem, inscritos na história, como algo que não se repete. Da anterioridade de um sussurro cotidiano à instauração de novas discursividades, sentidos outros ressignificados em sua estabilização e colocados em movimento.

Isto posto, pensar o conceito de acontecimento é observar a circulação de uma nova regularidade discursiva, considerando as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado, ou seja, o conjunto de regras que compõe as condições para que algo possa ser dito em um dado momento. A pergunta que Foucault (1987, p. 31) nos coloca é: “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” E, ao pensar com ele, estamos em busca dos fios que teceram uma rede, como aqueles tímidos pontos soltos de linha a descosturar o traje, a desarrumar o bordado, que precisam ser cerzidos esperando que nosso olhar pouse sobre eles em meio a tantos outros que seduzem ao redor de seu apagamento. Precisamos, portanto, olhar os pequenos acontecimentos na intrigante trama da história descontínua da Moda.

A emergência de acontecimentos no âmbito da Moda ocorre com a irrupção singular de existência e de aparição. No movimento de dispersão enunciativa, na unidade do discurso sobre o homem, sobre a virilidade, é possível apreender as singularidades e regularidades na análise dos enunciados acolhidos em uma história serial. Em outras palavras, é preciso suspendermos as formas imediatas de continuidade como o faz a história tradicional para que, assim, possamos olhar para os pequenos acontecimentos. É preciso nos atermos ao que, face a um conjunto de regras que compõe as condições de possibilidade, é discursivizado em um dado momento e lugar acerca de um acontecimento histórico-social.

De alguma forma, a ideia da moda com suas regressões a formas anteriores, ao mesmo tempo, com um desejo de singularidade, projetando-se para o futuro, nos pareceu muito próxima, quando da leitura da obra *A Arqueologia do Saber* (1987), do conceito de acontecimento discursivo, dado que este se ocupa daquilo que foi dito e que é tomado como algo

singular. Sem presunções reducionistas, parece-nos haver entre a noção de acontecimento e a dinâmica da moda algo similar. Dessa forma, ao presente artigo não se faz essencial o movimento analítico de temporalidades como faz a História da Moda, mas sim, com atenção para a história do presente, os acontecimentos que irrompem no cotidiano, os quais se marcam em rede, construindo efeitos e possibilidades de sentidos.

Por conseguinte, na análise das materialidades selecionadas, os discursos da família, da mídia, da psicanálise, entre outros que atravessam o corpo, inscrevendo-se na história e marcando os sujeitos entre períodos descontínuos, possibilitam o encontro entre a memória e a atualidade. Nesse movimento arqueológico, sacudindo a quietude com a qual aceitamos as formas prévias de continuidade a respeito do que era possível falar sobre o corpo do homem, procuramos, pois, estabelecer a relevância dos diversos acontecimentos que possibilitaram a emergência da Moda como um dispositivo, considerando o estabelecimento de séries e os jogos de relações entre os enunciados e os sujeitos que neles enunciam.

Colocadas tais premissas, dedicamo-nos às materialidades de análise; lugar no qual trataremos de estratégias que se referem a três campos enunciativos, a saber: Moda, corpo, gênero, porém, alinhavados discursivamente nas suas regularidades.

É chegada a hora do recorte, o momento da irrupção dos acontecimentos!

### *Abrindo o armário*

Todos nós passamos por essa primeira mesa de operação performativa: 'é uma menina!' ou 'é um menino!' O nome próprio e seu caráter de moeda de troca tornarão efetiva a reiteração constante dessa interpelação performativa. Mas o processo não para aí. Seus efeitos delimitam os órgãos e suas funções, sua utilização 'normal' ou 'perversa'. A interpelação não é só performativa. Seus efeitos são prostéticos: faz corpos (PRECIADO, 2014, p. 130).

Em um campo de incertezas, mutações e liberação sexual, especialmente entre as décadas de 1960-1970, a visão do tradicionalismo familiar começou a se modificar, tal como o modelo tradicional de educação viril. Essa mudança no padrão público que governa a conduta sócio - sexual abre horizontes para uma nova cultura jovem que, embalada pelo ritmo do rock e o uso do *blue jeans*, torna-se a matriz de uma Revolução Cultural (HOBSBAWN, 1995), dando novos contornos na relação entre Moda, corpo e mecanismos de controle.

Como espírito de um tempo, a geração que personifica a cultura juvenil pós-guerra emerge junto aos meios de comunicação em massa e, não por acaso, a Moda invade de forma mais intensa o processo comunicativo, sobretudo, a mídia impressa. De modo consequente, o mercado editorial de revistas passa a ser vitrina das transformações sociais e a imprensa de Moda o maior fenômeno da transmissão entre o ritual do corpo - vestimenta e o tempo de uma libertação, possível, dos modos até então estabelecidos tradicionalmente de ser homem e/ou mulher.

No que se refere à mídia brasileira, dentre os títulos que figuravam na efervescência da década de 1960, a revista *Manchete* revela-se como um suporte material para que

possamos apreender os nós que enlaçam a rede discursiva sobre o corpo-sujeito-homem no espaço da Moda, dado que não poderíamos descrever os enunciados se estes não tivessem deixados marcas em uma memória e em um espaço.

A partir desse breve sobrevoo histórico e tomando a mídia como campo de circulação e acúmulo histórico de acontecimentos, começemos, assim, a escavar os estratos de saber que atravessam o espaço da Moda e reverberam diretamente sobre o corpo-sujeito-homem.

FIGURA 1 – CAPA ENSAIO REPORTAGEM A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM PÁG. 128-129



FONTE: Revista Manchete (1964) – acervo pessoal das autoras

*Rapazes vestidos como mãças, e mãças vestidas como rapazes, escandalizam Londres. A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM*, anuncia a revista Manchete, aos seus leitores, na página 128 da edição número 0652 de 17 de outubro de 1964.

No movimento primeiro do olhar, iniciando um trajeto de leitura, voltemos para a sentença, escrita em letras de traços densos e em forma maiúscula, exposta em primeiro plano no topo da página, local onde se lê: *A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM*. A sequência de sintagmas que forma a expressão, (re)estabelecendo enunciados ligados não apenas “a situações que o provocam, mas ao mesmo tempo [...] a enunciados que o precedem e o seguem” (FOUCAULT, 1987, p. 32), sinaliza alguns trajetos sociais de produção de sentidos por meio dos quais o corpo-sujeito-homem vai historicamente constituindo-se.

Inicialmente, chamamos a atenção para o que já foi dito, para a não aleatoriedade, bem como a não intencionalidade da existência do enunciado em estudo. Este que está ali

excluindo outros enunciados e se correlacionando com outros tantos, todos articulados em uma relação de dependência, está, portanto, inserido em um domínio associado de formulações outras, que são repetidas, modificadas, ou mesmo refutadas, produzindo efeitos de memória específicos postos na relação entre interdiscurso e intradiscurso. Nesse jogo entre memória e sua irrupção na atualidade, a sequência linguística *A roupa não faz o homem*, em uma cadeia enunciativa, (re)atualiza a memória proverbial *O hábito não faz o monge*, ressoando efeitos de moral e didática. A partir de valores já cristalizados na sociedade, é preciso dizer ao outro o que fazer ou qual atitude tomar em uma determinada situação; ora, as pessoas não devem ser julgadas por sua aparência externa, mas sim por suas ideias e atitudes! Contudo, essa construção de sentidos começa a ruir em face da complementariedade do enunciado imagético que o segue, que, assim como o verbal, é dotado de historicidade e atravessado por discursos outros que constituem sua discursividade.

A imagem fotográfica, por um instante, congela em uma avenida urbana, dada a ver pela presença de prédios e automóveis, mulheres com as pernas posicionadas uma à frente da outra, braços estendidos ao longo do corpo, outrora posicionados com a mão na cintura em poses de parada. No percurso de leitura, à esquerda da imagem, “ela se veste sem ornamentos e ele tem blusa rendada. Ela leva o guarda-chuva e ele o cão, ela é o que conduz pelo braço e não ao contrário”; já ao centro e com sorrisos discretos, “a moça é a da direita. Embora o rapaz use cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher, eles se amam e vão se casar”. E à direita, a dúvida, “quem é a moça e quem é o rapaz?”. Corpos desenhados no gênero e legitimados em tecidos.

Segundo Davallon (2010, p. 30), “a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação [...] e um operador de significação”. Assim, ao lermos a produção editorial dada na relação entre verbo e imagem, a singularidade do movimento e postura dos corpos, que na forma de legenda se marcam e são reiterados nas roupas que os envolvem, indicadas pelos léxicos *blusa rendada*, *blusão verde berrante*, *cabelos compridos*, sinalizam uma informação de moda deslocando o enunciado primeiro - *A roupa não faz o homem* - do caráter consensual para o espaço da Moda.

E na circulação/ ou no circuito do corpo para este espaço último, quais os efeitos de sentidos se constroem? Quais as condições de emergência de enunciados que levaram à produção de dizeres da/sobre a Moda para o corpo-sujeito-homem/mulher?

Partindo das asserções de Foucault (1996) sobre as leis e a vontade de verdade que controlam e possibilitam a emergência do discurso da/sobre Moda, podemos dizer que os enunciados que identificam/qualificam o corpo-sujeito não surgiram de forma aleatória. Condições históricas, políticas e sociais produziram e estabeleceram a possibilidade de novas formas de subjetivação.

Em um mundo sob forte influência do pós-Guerra, a efervescência política e cultural tece os anos de 1960. Paralelo a um enorme crescimento econômico e ao avanço tecnológico e suas implicações com a corrida armamentista e a guerra fria, os movimentos no campo moral e estético, junto às manifestações civis levados pela juventude, anunciavam, sob a crítica aos valores conservadores da família cristã, a moral sexual e outros padrões de

conduta consolidados, uma ruptura comportamental que teve o rock como trilha sonora e o corpo como laboratório. Experenciar a revolta constituía-se como movimento de recusa e de transgressão. Desse modo, atravessar as fronteiras estabelecidas socialmente era negar o poder que faz a guerra, que domina a mulher, que produz o racismo, que reforça estereótipos, para assim, sob ideais de liberdade, esboçar novos horizontes, novas identidades.

Nesse cenário de explosões e expressões juvenis, o movimento contracultural - que tem seu início nos Estados Unidos com a geração *beat* em 1950 - tornou-se, na década posterior, um fenômeno de massa que repercutiu em todas as esferas da existência cotidiana, “das relações entre os sexos à concepção de trabalho e tempo livre, da literatura à experiência musical e vestual” (CALANCA, 2011, p. 191. E neste circular de lutas, de modos de ver e estar no mundo, é no som do *rock and roll* que as expressões corporais encontram seus acordes contestadores. Os Beatles, sintonizados com a ideologia nascente da contracultura, cantavam *Money, can't buy me love* (O dinheiro não me compra o amor), causando transformações na moda masculina, a começar pela “afrota ao princípio indiscutível de que cabelo curto equivale ao sexo masculino e cabelo comprido ao feminino” (GOULD, 2009, p. 402).

É certo que as restrições comportamentais da Moda prescritiva e conservadora dos anos dourados (1950), impostas às moças e aos rapazes, preserva-se ainda em grande parte na primeira metade dos anos 1960. Porém, segundo a historiadora Denise Sant'Anna (2014, p. 122), na articulação entre roupa, corpo e gênero o *rock*, projetou-se para o mundo a possibilidade de novos tipos de masculinidades, gestos e adereços como “anéis, brincos, colares e pulseiras ingressavam no mundo dos homens com a mesma segurança com que cresciam seus cabelos e sua irreverência”.

Com o advento da indústria fonográfica e, principalmente, o mercado editorial, que então chegavam às massas, o ardor cultural daqueles anos se dilata geograficamente e seus ecos puderam ser ouvidos por todo o globo modernizante. No Brasil, a seu tempo, mesmo sob a agonia de um regime militar, experimentaram-se as tendências vindas das cidades de Londres e Nova York, capitais da contracultura. Falar, cantar, ousar na maneira de se vestir e de se comportar tornaram-se armas no combate à ordem conservadora.

Sob essa espessura história que delimita as condições de emergência, verbo e imagem identificam, portanto, um campo de memória de (trans)formação social em que o corpo, no espaço da moda, embora não isento de repreensão, é acionado como um recurso potente de performances, experimentação, liberdade e confronto. Assim, entendendo com Foucault (1987) que os enunciados tornam-se objetos de luta ao entrarem em uma rede de circulação, retomemos as seguintes formulações linguísticas:

**R1:** *Ela se veste sem ornamentos, e ele tem blusa rendada. Ela leva o guarda-chuva e ele o cã. Ela é o que conduz pelo braço e não ao contrário.*

**R2:** *A moça é a da direita. Embora o rapaz use cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher, eles se amam e vão se casar.*

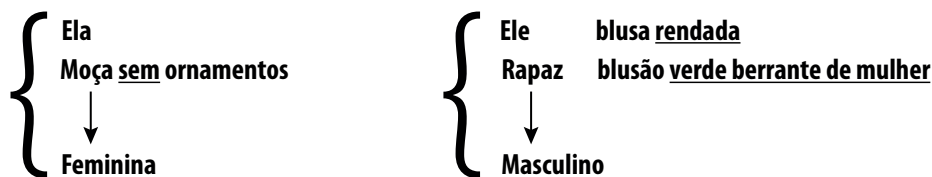
**R3:** *Quem é a moça e quem é o rapaz? É preciso olhar duas vezes para descobrir que ele é o da direita. Mas ainda assim a dúvida continua.*



A partir desse quadro enunciativo e imersos em um processo de descrição dos movimentos de luta em torno da produção de verdades, somos incitados a refletir sobre o uso regular dos pronomes pessoais na busca por responder *quem é a moça e quem é o rapaz*. *Ele, ela* formatam, pela estrutura morfológica da língua, as classificações sociais de feminino e de masculino, produzindo sentidos de evidência, de um pré-construído que aciona um dito, uma memória, consolidados anteriormente e em outro lugar e que determinam, sob uma ordem binária (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem), comportamentos sociais, gestuais e performáticos. Às mulheres, a representação da delicadeza, aos homens, a virilidade, marcas identitárias que subsistem sob a força de estereótipos.

Os processos históricos, sociais e culturais de (re)produção de sentidos para as sexualidades encontram na moda e em suas tecnologias o instrumento para o que se convencionou chamar de homem e de mulher. Por consequência, antes mesmo do nascer, nosso corpo já é operado pela língua e pela história e maculado pelas formas e cores de uma “estilística definida como ‘apropriada’ aos sexos masculino e feminino” (BENTO, 2004, p. 4). E, no interior dessa prática social binária, uma espécie de enunciado síntese reverbera e ecoa como efeito de memória: rosa para meninas, azul para meninos.

Entretanto, ao observarmos os recortes acima, se pudermos designar uma formação discursiva que, a princípio, organiza os saberes ali materializados, poderíamos nomeá-la *transgressora*, cuja matriz de sentidos aponta para uma desestabilização de verdades sobre políticas determinantes dos corpos, do gênero e das subjetividades:



Conforme síntese elaborada a partir de E1, E2, E3, os marcadores pronominais *ela* – acompanhado da preposição indicativa de falta (*sem*) do que dá graça e beleza à mulher, a roda da saia, faixa na cintura, cabelos elaborados e bem cuidados, sapatilhas de salto raso, entre outros *ornamentos*, e *ele* – ligado a significantes que reiteram o feminino em trajés (*blusa, blusão*) ora confeccionados com tecido leve, delicado e transparente como a renda, ora com uma cor *berrante de mulher* - entretecendo-se pelos fios da memória, no interdiscurso, deslocam os lugares comuns e os estereótipos acerca da feminilidade e virilidade, produzindo um efeito de liberdade, ao mesmo tempo em que faz ressoar sentidos de desobediência sobre os padrões de vestimenta dos gêneros. As formulações, em seu funcionamento, jogam com o antagonismo e, nas roupas, materializadas pela imagem fotográfica, o masculino e o feminino se embaralham, perturbam os sentidos pré-existentes na memória, ao passo que o corpo parece instaurar uma desordem na organização das aparências.

No recorte 1, assim como em R2 e R3, marcas linguísticas, como *não, ao contrário, embora e quem*, assinalam um limite entre a formação discursiva transgressora e outra que

denominamos conservadora, em cujo antagonismo as contradições se materializam. Isto se dá, pois partimos do pressuposto de que todo discurso se constitui na heterogeneidade e, sendo ela marcada na língua, ilumina as laçadas do heterogêneo entre as formações discursivas.

Courtine, ao analisar *o discurso comunista endereçado aos cristãos*, esquematiza os enunciados divididos na fórmula  $P\{X/Y\}$ , a qual “provém, efetivamente, da correlação de duas formulações extraídas de processos discursivos heterogêneos em relação ao outro, mas de forma sintática determinada” (2009, p. 190). Ainda segundo o autor, trata-se de um enunciado que apresenta “não comutabilidade dos elementos em posição X e Y no contexto de formulação P” (COURTINE, 2009, p. 191). Assim, sob a forma de enunciado dividido, apresentamos abaixo os discursos em confronto que coexistem nos mesmos enunciados, levando-se em conta que X representa o discurso próprio da formação discursiva 1 (transgressora) e Y, o discurso próprio da formação discursiva 2 (conservadora).

QUADRO 1 – ENUNCIADO DIVIDIDO

<b>R's</b>	X (FD 1)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher.</li> </ul>
	Y (FD 2)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ela é quem deve usar ornamentos e deve ter blusa rendada. Ele é quem deve estar sem ornamentos. Ela é quem deve usar cabelos compridos e blusão verde berrante.</li> </ul>

FONTE: Elaborado pelas autoras.

Examinando os articuladores discursivos *não*, *ao contrário*, *embora* e *quem*, compreendemos que eles funcionam como indícios que, no interdiscurso, há um enunciado afirmativo próprio da FD 2 (conservadora). O sujeito discursivo resgata o discurso-outro no interdiscurso e, desse modo, insere-o no seu discurso por meio da oposição, resultando em outro discurso próprio da formação discursiva transgressora (FD 1). Depreendemos que, partindo do que é refutado na FD 1, o sujeito do discurso (da FD 2) afirma para, em seguida, interditar o discurso-outro transgressor, demarcando, sob a produção de um efeito de sentido de aversão, o que pode/deve ser dito e o que não pode/não deve ser dito pela moda ao traduzir, na multidão de corpos, quem é e como deve ser *ele*, o homem/rapaz, quem é e como deve ser *ela*, a mulher/moça.

Observemos o que nos afirmam tais formações discursivas e o que nos nega a formação discursiva conservadora (FD 2):

QUADRO 2 – JOGO ENTRE FORMAÇÕES DISCURSIVAS

<b>O que afirma FD 1 – Transgressora</b>	<b>O que afirma FD 2 – Conservadora</b>
Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher.	Ela é quem deve usar ornamentos e deve ter blusa rendada. Ele é quem deve estar sem ornamentos. Ela é quem deve usar cabelos compridos e blusão verde berrante.
	<p style="text-align: center;"><b>O que refuta FD 2 – Conservadora</b></p> Ela é quem está sem ornamentos. Ele é quem tem blusa rendada. Ele é quem usa cabelos compridos e blusão verde berrante de mulher.

FONTE: Elaborado pelas autoras.

Se é preciso refutar quem é a moça e quem é o rapaz, é porque houve antes uma afirmação instaurando sentidos na pele que se veste. Nesse jogo estratégico do discurso, a relação produzida entre afirmar e refutar materializa o modo como o pré-construído se encaixa por meio de “uma operação sintática que sinaliza a fronteira entre o que veio de outro lugar [...] e o que foi produzido pelo sujeito do discurso” (INDURSKY, 2011, p. 69). Eis, assim, o embate pela significação dos significantes *ela/ele*, em que os sentidos, no espaço da Moda, se digladiam, se misturam, se fundem e se confundem no fio do discurso.

Entre as maneiras possíveis de classificação do vestuário, seja por tipo (principal ou de proteção), materiais e/ou técnicas, a verdade biologizante do gênero institui-se como argumento primeiro e mais regular<sup>3</sup>. Para Lipovetsky (2009), é no século das Luzes que a moda rompe com o equilíbrio da aparência na relação com os gêneros, com a preponderância de um vestuário masculino mais ostensivo e mais ornamentado do que o feminino. Já no final do século XVIII, cenário da Revolução Francesa, a moda que era vista como uma expressão do masculino passou a ser vista como uma prerrogativa do feminino. Progressivamente, a roupa do homem passa a expressar uma nova ética calcada na valorização do trabalho, uma nova moral, uma nova forma de vida e masculinidade.

Assim, sob o triunfo da burguesia, viam-se modas de homem e modas de mulheres que, ao se estabelecerem na memória coletiva, via aprendizagem social, sustentados por saberes e poderes, fazem cristalizar a imagem do homem calcada na força e virilidade, características evidenciadas pelo uso de formas em linhas verticalizadas que ressaltam, principalmente, ombros e pernas, em oposição à pretensa fragilidade e delicadeza atribuída como natural à imagem da feminilidade. Tais representações, ao fazerem circular,

<sup>3</sup> Em nossa atualidade, tal regularidade pode ser observada, a exemplo, na divisão dos setores em masculino e feminino presente em lojas de departamento físicas ou mesmo on-line.

incessantemente, modos de ser, agir e vestir, despontam como algo saturado de verdades, inserindo uma nova ordem do discurso. E esta, com uma função normativa e reguladora, ao repousar na oposição acentuada dos sexos, determina a formação discursiva conservadora (FD 2 - conforme apontada anteriormente no movimento de contradição) na qual homens e mulheres estão fadados a desempenhar, respectivamente, na/pela moda, os papéis masculino e feminino.

Nesse caminho que aponta para uma disputa de forças que, de um lado, estabiliza (Memória) e, de outro, insiste na perturbação (Acontecimento Discursivo) dos já ditos, o efeito de sentido de indignação, de aversão, de desvio, ancorado a um estereótipo da aparência dos sexos que organiza continuamente o mundo da Moda, cola ao verbo escandalizar, presente no recorte (R4) *Rapazes vestidos como moças, e moças vestidas como rapazes, escandalizam Londres*. Porém, se algo escandaliza, é preciso interditar para, então, “procurar corrigir, reeducar, curar” (FOUCAULT, 2009, p. 13) esses corpos que desviam das normas.

É oportuno destacar, no funcionamento de uma vontade de verdade, aquele que enuncia. Ao mencionar a cidade de Londres, assinala um lugar institucional, a partir do qual ancora seu dizer. Por se tratar de uma cidade que, ao longo dos anos de 1960, ganha espaço na difusão da moda e, considerando que os discursos em torno da moda obedecem, também, a uma ordem geográfica, a referência à cidade britânica atribui credibilidade a esse dizer que informa e nega, concomitantemente, o movimento de transgressão dos corpos dado por artifícios do vestuário.

Sendo o discurso objeto do desejo, “aquilo por que, pelo que se luta” (FOUCAULT, 1996, p. 10), da interdição à vontade de verdade, o poder se faz presente nas ações que visam, no modo de vestir, à distinção binária dos sexos, ou melhor, à normatização dos corpos adornados a partir de saberes conduzidos e repartidos, estrategicamente. Assim, a partir das observações de Michel Foucault, em sua obra “A Ordem do Discurso” (1996), aqui associamos a palavra proibida à ideia de roupa proibida. Como no verbal, as roupas devem corresponder às “exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 67), legitimando as submetidas regras destinadas a cada corpo, a cada performance de gênero, sexualidade e comportamento. Sob essa premissa, volvamos nossos olhares para os excertos R5 e R6:

**R5:** *Que significa esta criatura tão esguia, cujas calças de veludo carmesim terminam em pequenas botas brancas de couro de gamo, e que traz graciosamente penteada uma longa mecha de cabelos dourados? Revirais os vossos olhos nas órbitas, sete vezes, antes de responder. Um brotinho? Ledo engano: um rapaz.*

**R6:** *Semelhantes erros de julgamentos são atualmente rotineiros na Inglaterra. E Londres, que por longo tempo foi considerada “o paraíso do homem elegante”, ameaça transformar-se no domínio de uma exótica e pitoresca espécie humana que surgiu inesperadamente, e que não usa cintos nem suspensórios nem chapéu-côco.*

A notável ordem das roupas, delineada discursivamente pelo sistema binário do sexo e do gênero, traduz, de maneira visual, os múltiplos valores e conflitos naturalizados e impressos no corpo pela hegemonia de uma sociedade heterossexual (CAMPOS; CIDREIRA, 2018). Nos recortes acima, como expostos na materialidade da figura 1, o corpo-sujeito-homem, ao aderir a elementos culturalmente associados ao feminino, como uma *longa mecha de cabelos dourados graciosamente penteada*, e *não cintos, nem suspensórios, nem chapéu-côco*, itens apropriados ao homem elegante, parece romper com um prévio roteiro de gênero, e, na desobediência à ordem da roupa, desestabiliza a ordem binária do olhar.

No entanto, Foucault (1996, p. 37) já nos alertou, “ninguém entrará [nessa] ordem do discurso se não satisfazer a certa exigência”, a saber, trajar roupas em conformidade com o gênero que lhe foi designado ao nascimento, ou até mesmo antes dele. Logo, os adjetivos *criatura, exótica e pitoresca* constroem a infâmia de um corpo-sujeito homem que, no modo de vestir desobediente, é marcado pela vontade de verdade de uma época em que a costura entre sexo e roupas modelam as normas que legitimam um corpo para uma vida inteligível. Em suma, é a organização sociocultural do vestir do corpo social que fixa os limites de quem pode vestir rosa ou azul, calça ou saia e de qual lugar pode fazê-lo, desde que esse corpo-sujeito que fala esteja visualmente em consonância com aqueles corpos-sujeitos que olham como vigilantes de uma ordem do dizer e do ver masculino ou feminino.

FIGURA 2 – ENSAIO REPORTAGEM A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM PÁG. 130-131



FONTE: Revista Manchete (1964) – acervo pessoal das autoras

Ainda no ensaio-reportagem *A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM*, vejamos os recortes presentes na materialidade da figura 2:

**R7:** *AINDA que raramente floresçam trocadilhos sob o fog, os britânicos batizaram os recém-chegados de **Os Middlesex**, (Middlesex é o nome de um conde inglês, mas nas circunstâncias atuais significa também “o sexo intermediário”). Não se trata de alguns excêntricos isolados: grande parte da juventude inglesa está contaminada. E a palavra contaminação está bem empregada aqui, tendo em vista que aqueles que são atingidos pela nova doença sofrem uma mutação espantosa.*

**R8:** *Antigamente, os homens agitavam as bandeiras, hoje eles se vestem com elas... E é neste ponto da história que os ingleses se inquietam: um homem que usa punhos e colarinhos de renda, e que calça sapatos de saltos altos deixa de ser um homem? A adoção da renda e do vison vem necessariamente acompanhada de um declínio de virilidade? Esses problemas são dos tais que apaixonam psiquiatras e psicanalistas, e eles não perderam a ocasião para encontrar o motivo oculto da nova moda.*

**R9:** *Os gestos de feminilidade, naturais aos rapazes, foram esquecidos de tal forma pelas moças que elas são obrigados a ensinar a elas como se deve, por exemplo, dobrar femininamente os joelhos...*

Em uma história de longa duração, qualquer que seja o momento histórico, a virilidade, em sua estreita relação com a dominação masculina, inscreve-se no interior de um regime de práticas no qual “as relações de poder se sobrepõem como efeito sobre o corpo, [o corpo-sujeito homem], organizando, na forma de comunicação, certos códigos a serem internalizados no social” (NAVARRO; CERNIZ, 2021, p. 6).

Baubérot (2013) lembra que as características físicas e morais específicas do estado viril não são de destino biológico, ou seja, dados pela natureza, e sim produzidos no seio cultural, social e político. Assim, a construção de uma virilidade apoia-se em uma disciplinarização do corpo, uma manipulação calculada de seus gestos, de seus elementos, de seus comportamentos. Ao longo do século XX, se o jovem menino se torna homem é porque instituições educativas, ou melhor, disciplinares, como a família, a escola, a organização militar, desempenharam um intenso trabalho de produção e transmissão do hábito viril, conjunto de disposições físicas e psíquicas.

Logo, para prevenção e correção de comportamentos indesejáveis, o poder disciplinar incide sobre a otimização do corpo-sujeito homem e, ao colocar em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, estratégias e práticas, proporciona uma ortopedia moral e a constituição de sujeitos normatizados segundo o imperativo binário e heteronormativo. É a ordem do discurso!

Como parte desse regime de poder que impõe sobre o corpo uma relação de docilidade-utilidade, as roupas dizem sobre e para o sujeito, o condenam ou o absolvem. Aliada à constituição do sujeito viril, a roupa opera como um dos elementos (como uma tecnologia de poder) na normalização de gênero. Sobre o corpo-sujeito infantil, produz as primeiras diferenciações, antecipa características femininas e masculinas esperadas quando adultas:

“O *short* (...) marca a masculinidade da criança de forma mais precoce (...). As calças, cujo uso é adiado à puberdade, são para o adolescente um emblema de sua virilidade nascente” (BAUBÉROT, 2013, p. 193). Sobre o corpo-sujeito cria-se, portanto, uma memória dos comportamentos, gestos, modos de vestir para ser menino/homem ou menina/mulher; cristalizam-se verdades, naturalizam-se as categorias de masculino e feminino. E, assim, reconhecida a norma, por meio dos enunciados que produz e faz circular, subjetiva-se o louco, o doente, o desobediente.

Nos termos expostos por Foucault (1996), não há como negligenciar essa vontade de verdade que inclui práticas que perpassam as determinações ideais e verdadeiras tanto dos gêneros quanto das sexualidades. Na materialidade linguística para a qual olhamos, o indivíduo na posição sujeito jornalista, ao dar visibilidade a um corpo-sujeito homem, este que *usa punhos e colarinhos de renda, e que calça sapatos de saltos altos* (R8), o constrói, na exposição de detalhes, com bases sobre um corpo no qual foram impressas marcas de historicidade de um certo tipo de comportamento outro, colidente do indicador viril.

A dúvida que parece se colocar, marcada no uso do sinal gráfico indicativo de pergunta nos excertos (R8) *deixa de ser um homem?; A adoção da renda e do vison vem necessariamente acompanhada de um declínio de virilidade?*, é em torno do deslocamento de um portar-se, de um vestir-se sob padrões masculinos, dando a ver que essas roupas, assim como determinado modelo de calçado, não fazem parte da ordem da vestimenta de um homem heterossexual. Ora, ao se verificar que determinado corpo faz jus às características sociais construídas em torno da imagem do masculino, espera-se que o sujeito se porte como homem, por conseguinte, vista-se de acordo com a sua denotação masculina e não com peças que socialmente foram atribuídas ao vestuário feminino. Os homens, esses corpos-sujeitos que trazem como naturais gestos de feminilidade, movimentos delicados, não seriam mais verdadeiros homens.

Os corpos, ao instaurarem novos sentidos na pele que se veste, permitem vislumbrar que “*homem e masculino* [e roupa] podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino* [e roupa], tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2020, p. 26). Porém, sob o jugo de valorização conservadora e no arquetipo de um estatuto social para o sujeito dito masculino, aquele que dá a ler/ver o corpo e suas (des)ordens ao enunciar como uma *doença* a desobediência ao vestir normativo, sob o efeito de sentido de anormalidade no uso do sintagma *mutação espantosa* (R7), deslegitima a inventividade possível do corpo-sujeito homem. Observamos, portanto, que há uma patologização, que parece servir de atalho, de recobrimento de um discurso dominante a um exercício de desobediência dado na modelagem do corpo e na performance do vestuário.

Nesse movimento discursivo, o sujeito jornalista, então movido por uma vontade de verdade em que a definição de gênero, tal como a de sexualidade, está ligada ao que foi alicerçado no sistema basilar social como pilar da normalidade, traz para o espaço da Moda discursos outros a fim de legitimar o seu dizer. Para tanto, uma voz que se inscreve no campo

das ciências psi.<sup>4</sup> atua na construção de uma fala de autoridade, detentora de verdade sobre o corpo-sujeito homem:

**R10:** *O Dr. James Hemming explica: - Nós atravessamos duas guerras e vivemos sob o terror de uma terceira que seria exterminadora. Estamos no tempo da angústia. Os adolescentes se rebelam contra isso e exprimem sua rebelião pelo não-conformismo. Que é que se pode imaginar de mais não-conformista, para um rapaz, do que vestir roupas femininas? Essas manifestações nos chocam, nos irritam e nos fazem rir, quando na verdade deviam amedrontar-nos. Para os que vivem lendo a alma alheia tudo é compreensível. Sabeis porque um jovem inglês se emboneca desta maneira? Porque a próxima guerra será uma guerra de apertar botões, na qual não haverá lugar para a atitude individual, para o heroísmo, para a honra. Será impossível, para um rapaz, voltar do campo de batalha coberto de glória, de condecorações rutilantes. Desta forma, frustrado, ele procura compensação nas indumentárias escandalosas, que são o ersatz dos uniformes de antigamente.*

Na produção enunciativa acima, o uso da variante da palavra doutor (*Dr.*), a caracterizar o indivíduo, seguida do verbo *explicar* no presente do indicativo, *ele - o doutor - explica*, busca produzir o efeito da veracidade. A voz do especialista possibilita a coroação da verdade sobre o corpo-sujeito homem em sua desobediência. Trata-se de tomar o ensaio-reportagem como uma prática discursiva de verdade, por meio de um saber técnico que o constitui como legítimo, que lhe confere não só um caráter de informação, mas produz um modo de ver a realidade em que haveria apenas uma forma adequada, legítima, normal e sadia de masculinidade e de feminilidade, a heterossexualidade. Afastar-se desse padrão é sair do centro, é tornar-se *excêntrico*.

Aqui, determo-nos à palavra (ex)cêntrico pode se mostrar um exercício interessante para nos ajudar a refletir sobre a visibilidade do corpo-sujeito homem na materialidade em análise: na acepção dicionarizada, *excêntrico* é aquele ou aquilo que está fora do centro, o indivíduo extravagante, fora do que é considerado convencional; é, também, o que tem um centro diferente. Segundo Guacira Louro (2013, p. 46), “a posição central é considerada a posição não problemática; todas as outras posições de sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela”.

Em coerência com esta lógica, a identidade masculina, branca, heterossexual e cristã, em sua afirmação e constante reiteração nos processos históricos de formação do visível e do enunciável, nos faz acreditar em práticas e sujeitos solidamente estabelecidos em uma posição central, por isso permanente, universal e de aparência natural. Destarte, os sujeitos e até mesmo as práticas que se distanciam deste lugar central reconhecido socialmente como o não diferente, o normal, recebem as marcas da instabilidade, do esquisito, do excêntrico.

<sup>4</sup> O termo “psi” é aqui empregado em sentido genérico, englobando as psicologias, as psicanálises e a própria psiquiatria.



Sob essa ótica, este que pergunta da posição sujeito especialista, *Sabeis porque um jovem inglês se emboneca desta maneira?* (R10), autorizado pelas relações de saber e poder para enunciar de tal lugar, no emprego do verbo *embonecar*, desqualifica o corpo-sujeito masculino pelo uso de elementos atribuídos ao gênero feminino e, no fio tensivo entre o centro e o ex-cêntrico, marca-o como o diferente, o estranho.

Na sequência, como resposta à interrogação realizada, o enunciado - ao colocar em discurso a conduta e o alinhamento modular do corpo do soldado, nas palavras *heroísmo, honra, glória, atitude, condecorações rutilantes* - ampara-se em uma memória que diz estar na experiência militar a centralidade masculina. O destaque enunciativo dá visibilidade ao ideal do que seja ser homem e produz, em um movimento de observação, um efeito diagnóstico sobre esse corpo-sujeito homem que, privado dos testes da virilidade, torna-se, portanto, *frustrado*. Valoriza-se o corpo disciplinado e dócil; coragem, bravura, vigor físico e moral, traços somáticos do corpo beligerante que é metaforicamente o corpo do homem verdadeiro na medida em que desloca a memória sobre a experiência histórica militar e de guerra para o âmbito da Moda.

Nos processos de objetivação e de subjetivação dos meninos e jovens rapazes, os processos político-pedagógicos criam(criavam) condições de emergência para a irrupção de vestuários e comportamentos específicos, os quais traduziam os conceitos de masculinidade. Assim, há de se destacar os uniformes, uma roupa que, desde o seu surgimento no século XVII (ROCHE, 2007), está no cerne do encontro entre as modelagens da Moda e a disciplina social. Com as transformações entre sociedade civil e militar, observadas no Antigo Regime, a necessidade de formar corpos e mentes encontra na uniformização da vestimenta um instrumento preciso. Na educação do corpo, o uniforme funciona, pois, como objeto disciplinador, instala uma forma de controle e vigília das posturas e condutas, ao mesmo tempo em que age como veículo de comunicação da virilidade (BERTAUD, 2013).

No que tange ao recorte em análise (R10), as roupas impõem características aos homens que a utilizam. Os efeitos são apresentados em caráter dicotômico, na lógica cêntrico e ex-cêntrico, é o caso da experiência do corpo. Com o *uniforme de antigamente*, tem-se o corpo-sujeito homem em sua posição central, esta definida a partir de um conjunto dos papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino, por conseguinte o homem verdadeiro, normal; com o uso de *indumentárias escandalosas*, afirma-se o corpo-sujeito homem ex-cêntrico, dado que a mudança estética e comportamental dos jovens rapazes solapam as normas sociais que assinalam as relações dos indivíduos com a Moda. Para ser homem não se deve parecer ou agir de modo instável, perturbador, desobediente, de modo a deixar pensar que poderia ser o outro, a mulher. É preciso se fazer notar: o corpo, a postura, os gestos, as roupas são registros de virilidade. Desse modo, as provocações morais nos sintagmas como *embonecar* e *frustrado*, presentes no enunciado dado a ler no lugar institucional que funciona como uma amostra da sociedade, as ciências psi., operam como “chamamentos à ordem de uma obrigação de virilidade, que é também uma obrigação de heterossexualidade” (TAMAGNE, 2013, p. 425).

Aliados a condições político-pedagógicas do vestuário há os referenciais históricos que marcam a irrupção desses dizeres, quais sejam, os referenciais de um contexto ditatorial em países da América Latina. No Brasil, o movimento ascendente das organizações de esquerda resultou na fagulha detonadora do golpe militar de 1964. Alimentando

o imaginário do medo, a ideia de uma invasão comunista no país não só constituiu a justificativa para a derrubada do então presidente João Goulart como também foi a base para o aparato repressivo do qual fazia parte a censura. Assim, frente à profusão de discursos do perigo vermelho e à ameaça de subversão da ordem com as transformações comportamentais em curso, como a sexualidade e a organização familiar, os rigorosos valores morais foram colocados em alerta (SETEMY, 2018).

Em defesa dos bons costumes e da moral, esta que era o parâmetro para regular, normalizar os corpos e comportamentos dissidentes, formas de reações organizadas por coletivos, como a *Marcha pela Família, com Deus pela Liberdade*, irrompem com o objetivo de salvar a sociedade brasileira dos abusos “introduzidos pelas novelas, filmes, músicas e publicações, que aumentavam devido ao crescimento vertiginoso da indústria de bens culturais e ao desenvolvimento dos meios de comunicação e massa” (SETEMY, 2018, p. 177-178).

Outra reação importante para a corrente conservadora que ganha ainda mais força na década de 1960 foi a formação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), uma associação civil de âmbito nacional composta apenas por militantes do sexo masculino cujos objetivos eram, segundo Setemy (2018, p.178), “combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar, a partir da filosofia de São Tomás de Aquino e das encíclicas, os valores positivos da ordem natural, particularmente a tradição, a família e a propriedade”.

As conquistas feministas, o conflito de gerações, o avanço da indústria de comunicação, como explicitado anteriormente, tal como a emergência de governos ditatoriais, oportunizam, portanto, condições ideais para uma produção discursiva conservadora, moralista sobre o corpo-sujeito homem, no interior da qual as práticas vinculadas às normas de gênero reiteram uma padronização que considera apenas o que está limitado a um conjunto disciplinado de traços, supostamente, definidor dos modos de ver, de dizer e de ser homem:

roupa                      corpo biológico                      comportamentos.

Por que esses e não outros enunciados? perguntaria Foucault (1987). Ao tomarmos conhecimento das questões que perpassam o ver e o dizer sobre o corpo-sujeito homem, as analisamos sob a ótica do dispositivo, que, como um farol, ilumina aquilo que, dadas as condições de produção, é possível ser visto e falado e que é, ao mesmo tempo, permeado por aquilo que não é iluminado, mas que se encontra, ali, nas fronteiras do discurso.

Sendo assim, compreendemos que havia condições singulares para que fosse possível a fala da mídia sobre o corpo-sujeito homem, suas roupas e comportamentos. Entendemos, ainda, que, a fim de se ter a identificação, a comparação e a classificação dos sujeitos, há uma relação de saber-poder no discurso midiático que organiza a tessitura possível dos discursos; logo, “não podemos pensar [ou mesmo dizer e vestir] qualquer coisa em qualquer momento, pensamos [falamos e vestimos] apenas nas fronteiras do discurso do momento” (VEYNE, 2011, p. 49).

## Efeitos de fechamento

O trabalho realizado pela mídia em torno da produção de práticas e de corpos-sujeito mostra que esta é uma superfície de emergência que mobiliza uma grande massa textual, o que cria o efeito de poder dizer-se tudo; no entanto, este gesto se constitui como um espaço de controle do dizer e do dizível na produção de verdade. A esse respeito, o resultado do funcionamento da prática discursiva midiática em instituir uma vontade de verdade tem como efeito ilusório a representação da realidade, cuja construção, segundo Navarro (2010, p. 84), é “resultante da escolha de alguns fatos e do apagamento de outros”, uma vez que os procedimentos narrativos próprios da prática midiática (entrevistas, flagrantes do cotidiano, análises, fotografias etc.) “têm por função fazer do jornalista aquele que produz a notícia na sua verdade”.

Ao fazer falar e dizer sobre a desobediência corporal dos homens na vestimenta, a mídia, materializada na produção jornalística da revista *Manchete*, por meio das imagens fotográficas e da declaração de um profissional das ciências psi., remete o leitor a um efeito de real no qual faz ver uma forma adequada, legítima, normal de masculinidade/virilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade. É deste modo que se dá a luta pela verdade e pelo controle dos discursos: em torno de um determinismo biológico que naturaliza as categorias de masculino e de feminino e, conseqüentemente, em torno de uma masculinidade e virilidade normativa.

Nesse jogo estratégico, que se vale do par visibilidade-enunciabilidade, a mídia, então, cria o objeto gênero e, com vistas a responder a uma urgência histórica – a diluição dos papéis sociais e sexuais – por meio da memória discursiva, que faz circular incessantemente paradigmas, estereótipos, modos de ser e vestir que inserem os sujeitos em um efeito de real cujo objetivo é a generalização do modelo binário masculino/feminino, convoca a Moda ao controle e à educação do corpo-sujeito homem. Convoca, pois, o corpo a escapar da lógica constitutiva das aparências, (re)organiza a Moda como um lugar possível para práticas de libertação, uma vez que, outrora, a Moda fora um instrumental no processo de socialização em direção aos papéis sexuais e de gênero, um dispositivo de etiquetagem e de controle do corpo individual e social. A partir de uma rede de implícitos que preenche a memória discursiva constituída, durante séculos, por discursos que, no e pelo vestuário, falam e determinam territórios normalizadores de gênero, a Moda é então operacionalizada, produzida e (re)atualizada pela mídia na objetivação e subjetivação do corpo-sujeito homem.

À vista disso, a mídia, ao atravessar o espaço da moda, entrelaça-se a ela como um nó em uma rede que, junto a um grupo de elementos heterogêneos, costura discursos que estruturam o programa de funcionamento da Moda na condição de dispositivo. Ou seja, quando esta se abre para um conjunto de práticas disciplinares e de controle sobre a população. Mídia e Moda encontram-se, aqui, em intensa relação e, de certa forma, competindo ou articulando sentidos entre si.

## Referências

“A ROUPA NÃO FAZ O HOMEM: rapazes vestidos como moças, e moças vestidas como rapazes, escandalizam Londres”. **Manchete**, n. 652, p. 128-131, Rio de Janeiro, 17 out. 1964.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs). **História da Virilidade: a virilidade em crise?** Tradução Noéli sobrinho. Thiago Abreu, Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189-220.

BENTO, Berenice. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, D.; BENTO, B.; ABOUD, S.; GARCIA, W. (Orgs). **Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004.

BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In: In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade: o triunfo da virilidade**. Tradução Noéli sobrinho. Thiago Abreu, Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 74-94.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Tradução Renata Ambrosio. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CAMPO, Baga de Bagaceira Souza; CIDREIRA, Renata Pitombo. A ordem da roupa em Foucault: as relações de poder presentes no discurso midiático do corpo adornado. **Revista RELACult**, v. 4, n. 3, p. 1-8, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v4i3>. Acesso em: 29 jan. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução São Paulo: EDUFSCar, 2009.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, P.; DEVALON, J.; DURAND, J. L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. P. (Orgs). **Papel da Memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOULD, Jonathan. **Can't Buy Me Love: os Beatles, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos**. Tradução Candombá. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino na sociedade moderna**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, V. S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NAVARRO, Pedro. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

NAVARRO, Pedro; CERNIZ, Cassio Henrique. Práticas discursivas de desobediência e seu valor de acontecimento nas relações de poder. **Revista Fórum Linguístico**, v. 18, n. 2, p. 6312-6331, abr./jun.2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79162>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

ROCHE, D. **A Cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII)**. Tradução Assef Kfourri. São Paulo: Senac, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SETEMY, Adriana Cristina Lopes. Vigilantes da moral e dos bons costumes: condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. **Revista Topoi**, v. 19, n. 37, p. 171-197, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X01903708>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SEVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Tradução Noéli sobrinho. Thiago Abreu, Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 424-453.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Tradução Marcelo Jacques de Morais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

### Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, assim como do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS.  
Revisora: Marília Achete Junqueira Garcia. Mestre em Linguística pela UFSCar. E-mail: marilia.achete@yahoo.com.br